



TRAVESTIS ENVELHECEM?

Pedro Paulo Sammarco Antunes¹

RESUMO: O presente estudo tem o objetivo de conhecer a velhice e o envelhecimento daquelas que foram designadas como travestis. As ciências biomédicas foram importantes na categorização dessas pessoas. Por serem consideradas desviantes e anormais, travestis já são vistas como não humanas desde tenra idade. Atravessam a vida como invisíveis e sob muito preconceito. Por causa disso, improvisam suas existências, em todos os aspectos, a partir de contextos violentos. Suas expectativas de vida são baixas. As que vivem até a chamada velhice, podem ser consideradas verdadeiras sobreviventes. Percebe-se que precisam urgentemente de políticas públicas que as reconheçam desde sempre. Dessa forma chegarão à velhice com dignidade e respeito, já assegurados pelos Direitos Humanos Universais.

Palavras-chaves: envelhecimento, velhice, gênero, travesti, teoria *queer*

ABSTRACT: This study is aimed to understand aging and old age of transgender people in Brazil. Three transgendered people were interviewed. For being considered deviants, transgender people lives in violent environments. Their life expectancy is low. Many of them do not believe to reach old age. They face a lot of prejudice and death threat. Those who achieve what we call old age are considered survivals. In the interviews, they tell how they reached old age facing all kinds of adversities. To be considered visible, they have to count on public policies to give them existence since their childhood. That way, we believe they will reach what we call old age with respect and dignity, already assured by the Universal Human Rights.

Key-words: transgender, gender, aging, old age, queer theory

¹ Doutorando em Psicologia Social no Núcleo de Psicologia Política e Movimentos Sociais da PUC-SP. E-mail: pedrosammarco@hotmail.com – Artigo extraído da dissertação de mestrado desenvolvida na mesma instituição: “Travestis Envelhecem?” (Antunes, 2010).

Com o aumento da população idosa, as travestis que envelhecem também merecem destaque, justamente por ser um segmento populacional que sofre exclusão em qualquer idade. Pouco se sabe sobre esse período da vida delas, até mesmo entre os membros de seu próprio grupo. Será que envelhecem? Se sim, como isso acontece?

Foi a escassez de estudos publicados sobre o envelhecimento e velhice de travestis - que muitas vezes não chegam a envelhecer - que nos levou a desenvolver a investigação proposta. Este trabalho justifica-se, igualmente, pela relevância social do tema, chamando a atenção sobre o processo de envelhecimento para a comunidade científica, a sociedade em geral e o próprio grupo de travestis em particular, bem como para os demais segmentos sociais.

É bem verdade que o preconceito em relação às travestis vem diminuindo lentamente ao longo dos anos. Os movimentos de lutas pelos direitos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros vem conquistando espaço. Porém, o preconceito ainda é forte e atua na vida das travestis desde a infância. As que chegam ao envelhecimento atravessam a vida sendo alvo de ataques constantes. O preconceito advém do processo de organização social que estipula o que é considerado normal e o que é considerado anormal.

Em geral, não costumamos questionar nossas crenças, pois elas nos parecem naturais. Algumas vezes acreditamos que algo ocorre quando na verdade não ocorre. Quando observamos o sol, por exemplo, temos a impressão de que é ele que gira em torno da Terra. Quando questionamos e buscamos um conhecimento específico sobre o assunto, percebemos que é a Terra que gira em torno do sol. Portanto é necessário adquirir uma atitude crítica diante dos fatos e abandonar o senso comum (Chauí, 2003).

É natural, por exemplo, pensarmos que alguém que nasce com um pênis, logo será chamado de menino, vai se identificar imediatamente com outros meninos e quando crescer, vai se vestir e se comportar como um homem. Por que isso nos parece tão natural e inquestionável? Afinal, o que é ser menino? O que é se comportar como homem? O que significa ter pênis? O que significa se identificar com os outros meninos? Por que é considerado natural se identificarem com outros meninos e não com as meninas?

Parece natural perguntar sobre as causas daquilo que é considerado anormal em qualquer campo de estudo. Porém, apenas certa minoria de pesquisadores se pergunta sobre as causas daquilo que é considerado normal. Poucos se ocupam em saber como foi o processo de construção da “normalidade”. Por que será que certos fenômenos e

manifestações são considerados normais? Quais são os critérios que definem o que é “normal”? Aquilo que é considerado normal muitas vezes é hierarquizado, naturalizado e essencializado, portanto é automaticamente livre de questionamentos sobre sua constituição.

O enunciado sobre algo nem sempre reflete o mundo real, mesmo porque a realidade também é construída por meio de enunciados advindos daqueles que os emitem. A questão sempre é abordada e definida conforme o ponto de vista teórico adotado. O indivíduo considerado doente não é naturalmente dado. A doença é o resultado de um conjunto de enunciados de poder que a define como tal.

Cada enunciado a respeito daquilo que seria uma travesti idosa acaba criando a própria travesti idosa, ou seja, o enunciado sobre determinado objeto cria o próprio objeto do saber. A travesti idosa não existe como uma espécie de substância posta e natural que será descoberta por determinado cientista. Nesse caso não haverá uma descoberta, mas apenas uma definição, reprodução e disseminação de saberes que já existem sobre a travesti idosa.

Falar não é ver necessariamente o que acontece. O enunciado nem sempre reflete o mundo real, mesmo porque a realidade também é construída por meio de enunciados daqueles que os emitem. A questão sempre é abordada e definida conforme o ponto de vista teórico adotado.

É interessante perceber que aquilo que é dito emite determinado efeito de “verdade” que não existe fora de determinada relação de poder. Não há discurso isento de qualquer relação de poder que o produz. Para isso é preciso compreender o regime de “verdade” da época e local em questão. Portanto, nenhuma “verdade” é neutra, soberana e imutável. Ela é relativa e precisa ser contextualizada (Foucault, 2008).

Compreender o ser humano e mais especificamente aqueles que são considerados pertencentes às minorias é fundamental no caso das travestis idosas. Radicado no campo das ciências sociais, especialmente na sociologia, o conceito de “minorias” refere-se, basicamente, a grupos que – independente do número – vivem em desvantagem frente a outros grupos e/ou categorias sociais, sendo objeto de estigmas, preconceitos. Ocupam, via de regra, uma posição social frente a grupos hegemônicos e socialmente reconhecidos como legítimos.

Assim, a expressão “minorias” é usada pelos sociólogos não em termos numéricos, mas por referência ao lugar ocupado nas relações de trocas sociais. Raça, gênero, etnia, idade e orientação sexual são critérios frequentemente empregados para a

construção social das “minorias” . Cabe ressaltar que o fato de ocuparem posições subordinadas leva, incontáveis vezes, a vivência do abandono (legal, real ou simbolicamente), do isolamento e do desamparo (Roso *et. al.*, 2002). Um dos fatores mais importantes que permite a compreensão do sujeito é o estudo da complexa constituição de sua subjetividade.

Ultimamente, alguns grupos considerados minoritários, vêm recebendo determinada atenção e visibilidade por parte da mídia. Muito disto se deve a mobilização social e a luta por direitos promovidos por organizações não governamentais bem como por outros grupos da sociedade civil.

O objetivo principal desse estudo é conhecer o envelhecimento e velhice daquelas que foram designadas como travestis pelos manuais psiquiátricos. Antes de prosseguir é necessário definir o conceito de travesti. Os valores sociais e as ciências biomédicas determinaram que o sexo genital, a identidade de gênero e a orientação do desejo afetivo-sexual devem obedecer a certa lógica que foi construída culturalmente e historicamente para se adequar ao funcionamento socioeconômico estabelecido. Assim, para essa forma de entender, existem SOMENTE dois modos possíveis de existir:

pênis = identidade de gênero masculina compulsória = desejo afetivo-sexual exclusivo por mulheres

ou

vagina = identidade de gênero feminina compulsória = desejo afetivo-sexual exclusivo por homens

Travestis são consideradas transgressoras, pois se apresentam da seguinte forma:

pênis = identidade de gênero masculina e feminina = desejo afetivo-sexual por homens, mulheres ou outras travestis.

De acordo com as classificações médicas, diferentemente das transexuais, travestis não buscam qualquer cirurgia para retirar o pênis e construir uma vagina. Elas relatam que sentem prazer com seus órgãos sexuais. Muitas travestis tomam hormônios femininos, aplicam próteses e silicones em todo o corpo. (Benedetti, 2005; Bento, 2008).

Entretanto, tanto o que chamamos de travesti, como o que chamamos de velhice e envelhecimento foram conceitos construídos convenientemente para organizar o

funcionamento social e econômico (Bento, 2006; Debert, 2004; Mercadante, 1997; Tótorá, 2006). As ciências biomédicas foram importantes na categorização e construção dessas definições. Apropriaram-se dos corpos humanos e determinaram o que é considerado normal, portanto desejável e o que é considerado anormal, logo patológico e indesejável (Foucault, 1993, 2007).

Nossa sociedade é construída a partir de relações sociais que se dão entre os indivíduos. O homem é ao mesmo tempo produto e produtor do social. A cultura envolve as crenças do ser humano. O processo de objetivação social se dá por intermédio dos atos que se tornam hábitos e estes, por sua vez, criam padrões que se institucionalizam, tornando-se legítimos. Criamos algo que ao mesmo tempo nos cria, a cultura e a sociedade.

Os valores – crenças, mitos - dão subsídios às instituições, prescrevendo papéis. As legitimações são justificadas nas instituições. Criada uma realidade objetiva, há mecanismos para mantê-la. Caso haja um “rebelde” que não se submeta à norma estabelecida, haverá a tentativa de aplicação terapêutica, com o objetivo de tratar para corrigir. Se não for possível corrigir, restará a prisão ou até mesmo o seu aniquilamento (Berger e Luckmann, 2006).

O processo de urbanização ocorrido na Europa durante a ascensão da burguesia e a revolução industrial gerou pressão, anonimato e a criação dos chamados “desviantes” que não se adequavam às normas reguladoras do funcionamento social que se definia nas cidades. Em geral, aquele que não fosse economicamente produtivo e biologicamente reprodutivo, era considerado “anormal” (Miskolci, 2005).

As práticas sexuais que não estivessem de acordo com a norma da procriação e de gênero foram sendo observadas, descritas e catalogadas. Com o passar do tempo, já por volta do século XIX, o tipo de atividade sexual que antes era considerada pecaminosa e anormal, começa a ser controlada e incorporada pelas ciências biológicas, representadas principalmente pela medicina e psiquiatria. Manuais médicos foram sendo escritos contendo a forma “normal” e “anormal” de como a recém “criada” sexualidade “deveria” ser praticada. Quanto mais liberada por meio da fala, mais visível, categorizada e disciplinada (Foucault, 1993; Leite Junior, 2008).

Para as ciências biomédicas, a travesti, por exemplo, é o resultado de um híbrido entre duas categorias psiquiátricas que surgiram: o homossexual e o hermafrodita. O primeiro foi considerado anormal, pois sua prática sexual não está de acordo com as normas de procriação. Já o segundo, além de não estar de acordo com as normas de

procriação, não está de acordo com as normas de gênero. Tais normas foram convencionadas, com o objetivo de atender a um determinado tipo de organização econômica e social adotada. Essas por sua vez respondem à determinada proposta de funcionamento social (Leite Junior, 2008).

A norma, nesse caso, nos faz acreditar que é como se houvesse uma espécie de “essência” de gênero coerente e natural que estivesse dentro de cada um de nós. Tal coerência se dá entre aquilo que foi denominado pelas ciências biomédicas de sexo biológico, gênero identificado e orientação sexual. Logo, cabe ao sujeito apenas manifestar essa “essência” ao longo da vida. Lembrando que, de acordo com essa lógica, homens manifestam a “essência masculina” e mulheres, manifestam a “essência feminina”. Com base nessa forma de pensar, a travesti é considerada uma resistente ao estabelecido, pois manifesta a “essência” oposta em relação a aquilo que deveria.

O gênero é uma construção deliberada e não um processo natural. Porém há certa insistência por parte das ciências biomédicas em essencializar e naturalizar o gênero. No entanto, ele faz parte da lógica social que estabelece significado aos corpos, práticas, relações, crenças e valores. Mesmo que seja variável e diverso culturalmente, parece fazer parte de um princípio que confere sentido à realidade que vivemos. Tanto o corpo produz o gênero, como o gênero produz o corpo em uma relação simultânea (Benedetti, 2005; Scott, 1990).

Para a filósofa norte-americana Judith Butler (nascida em 1956) o gênero não deve ser uma inscrição cultural de significado sobre um sexo pré-dado. Ele deve designar também o próprio aparato de produção no qual os sexos são estabelecidos. O sexo não está para a natureza assim como o gênero está para a cultura. O gênero é um meio discursivo cultural pelo qual uma natureza sexuada ou sexo natural é produzido e estabelecido como realidade pré-discursiva. Como se o sexo fosse anterior à cultura e atuasse sobre uma superfície politicamente neutra (Butler *apud* Benedetti, 2005).

A heterossexualidade é legitimada como sendo a única orientação sexual “correta”. Ela é um conjunto de prescrições que fundamentam processos sociais de regulamentação e controle. O objetivo é formar todos para serem heterossexuais e organizarem suas vidas a partir de um modelo que parece ser absolutamente “coerente”, “superior”, “lógico” e “natural”. É institucionalizada assim, a heterossexualidade obrigatória e compulsória (Rich *apud* Bento, 2006; Wittig *apud* Bento, 2006).

Os estudos *queer* se propõem a compreender as práticas sociais que organizam a sociedade como um todo através da “sexualização,” “heterossexualização”,

“homossexualização” de corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais. São interrogados os processos sociais normatizadores que criam classificações gerando a ilusão de que existem sujeitos estáveis, identidades naturais e comportamentos regulares (Seidman *apud* Miskolci, 2009).

A teoria *queer* desafia a sociologia a não estudar mais aqueles que rompem as normas, nem os processos sociais que os criaram como desviantes. Ao invés disso, insiste em focar nos processos normatizadores marcados pela produção simultânea do hegemônico e do subalterno. Tais estudos se preocupam em criticar os processos normatizadores. Portanto, segundo Pelúcio (2009), os estudos *queer* procuram desvelar mecanismos de naturalização e essencialização dos termos e relações por eles significados.

A *patologização* de determinadas identidades autoriza e confere poder àqueles que são considerados normais, a realizar com as próprias mãos a “asepsia” que deixará a sociedade livre da “contaminação”. As normas de gênero só conferem inteligibilidade, ou seja, existência e direito a vida, àqueles que estão alocados em “gêneros apropriados” aos seus respectivos “corpos sexuais”. Além disso, elas possibilitam a emergência de conflitos identitários com essas mesmas normas. Portanto, o saber médico, um dos “fabricantes” das normas de gênero, não descreve a natureza e sim a produz. Conforme já vimos, nenhuma formação de saber que estrutura determinado conceito é neutro (Bento, 2008).

No caso da travesti idosa, podemos perceber que tanto a noção de velhice como a noção de gênero encontradas no corpo (ou mesmo na mente) é consequência das normas padronizadas de velhice e/ou gênero, e não causa delas. O conjunto desses atos forma aquilo que chamamos de velhice e/ou gênero. O que os especialistas do corpo tentam encontrar como “velhice” e/ou “gênero” é, antes de tudo, a competência esperada de desempenho de “velhice” e/ou “gênero” daquele que está sendo analisado e julgado. Dessa forma, os conceitos de gênero e velhice são instituídos no tempo e no espaço por meio de regulamentos sociais que os definem como tais.

Como não há nenhum gênero e velhice “originais”, “naturais”, “essenciais”, “universais”, “imutáveis”, “fixos”, “neutros” e “verdadeiros”, a noção de cópia de gênero e/ou velhice perde o sentido. Nesse caso, não há como copiar aquilo que não se concretizou. Todas as variações da velhice e/ou gênero são válidas. Eles só se

concretizam enquanto *performatividades*. Para serem reconhecidos e legitimados, necessitam da aceitação social.

Os seres humanos só se tornam viáveis através de categorias socialmente reconhecidas. Portanto, segundo tal matriz essencializadora, travestis idosas são consideradas abjetas e invisíveis, justamente por não corresponderem a nenhuma categoria considerada viável às normas estipuladas (Miskolci, 2009).

A maior parte das travestis não se iguala às mulheres. Nem desejam isso. Elas sabem que são travestis e constituem seus corpos travestis a partir de seus corpos biológicos masculinos. Travestis em geral, transitam constantemente entre aquilo que foi denominado de características femininas e aquilo que foi denominado de características masculinas (Benedetti, 2005).

As travestis são excluídas e por vezes aniquiladas da sociedade, pois não se enquadram nas normas de gênero estabelecidas. Por vezes, são submetidas a tratamento para serem corrigidas. A busca de correção ocorre baseada no diagnóstico psiquiátrico que recebem. Elas são qualificadas como portadoras de “transtorno de identidade de gênero” (OMS, 1993:210). Já as travestis em processo de envelhecimento, sofrem dupla estigmatização, o fato de estarem envelhecendo e ainda vivendo como travestis.

Conforme dados levantados na minha dissertação de mestrado, (Antunes, 2010), a exclusão da travesti já começa na família, justamente por não se adequarem as regras sociais. O próximo desafio é a escola. O nome social que elas desejam usar combinado com a aparência considerada conflitante com tal nome, são elementos para que sejam rejeitadas na escola, tanto pelos colegas como pelos professores e demais funcionários. Muitas relatam que por causa disso, não conseguem terminar os estudos.

Ao mesmo tempo, devido ao intenso preconceito, saem de casa ou são expulsas. Perdem seu lar logo na adolescência. Posteriormente, elas encontram nas travestis mais velhas a referência para construir seu próprio modo de ser. Travestis mais experientes terão um papel importante na vida das mais novas. Ajudarão a construir os novos corpos, estilos de vestir e formas de ser das novas travestis.

Devido à dificuldade de encontrar um emprego, por causa da aparência, aliada a baixa escolaridade, acabam se prostituindo para sobreviver. Precisam modelar seus corpos de forma quase que clandestina e arriscada, pois não contam com políticas públicas de saúde que as amparem. Isso exige altos investimentos, pois quanto menos considerado ambíguo e atraente forem os corpos, menos discriminação e maiores os ganhos financeiros.

A condição de seres patológicos em que são colocadas facilita que a sociedade não as veja como humanas e sim como seres abjetas. Em sua maioria, são consideradas aberrações, sujeitas a tratamento, punição ou até mesmo extermínio. Todos os aspectos de suas vidas, como moradia, alimentação, saúde, vestuário, relacionamentos, trabalho e finanças tornam-se frágeis e improvisados. Suas expectativas de vida são baixas. As que vivem até a chamada velhice, podem ser consideradas verdadeiras sobreviventes (Benedetti, 2005; Kulick, 2008; Siqueira, 2004).

As que conseguiram driblar os riscos inerentes ao contexto existencial de marginalidade e violência, precisam adotar estratégias. Para isso, seguem um estilo próprio de existir. Não há como generalizar sua forma de lidar com as adversidades da vida. Cada uma terá seu jeito próprio. Além de ter sobrevivido, conforme já foi dito, chegar à velhice é também sinônimo de referência, exemplo e alerta para as mais jovens.

Travestis mais velhas desempenham um importante papel perante o seu grupo. Orgulham-se de serem “mães” ou “madrinhas” das mais novas. Sua tarefa é de iniciar, proteger e ensinar a mais nova a viver como travesti. Devido ao preconceito, muitas travestis acabam criando uma rede comercial entre elas. As que conseguiram juntar algum dinheiro ao longo da vida acabam comprando imóveis e alugam quartos para as mais jovens. Outras ainda atuam como agiotas em relação àquelas que pretendem se prostituir na Europa. Algumas travestis que estão no exterior prestam esse tipo de serviço, auxiliando as mais novas na chegada e estada. Muitas travestis mais velhas consideram que “fabricar” um corpo é também “fabricar” uma pessoa. Pois implica, entre outras coisas, na transmissão de valores próprios da *travestilidade* (Pelúcio, 2009).

Segundo dados levantados pela minha pesquisa, as mais velhas tendem a se ocultar. A velhice não é valorizada, inclusive entre as travestis. É como se a travesti perdesse a função ao envelhecer. Então, acabam desaparecendo. Há relatos de algumas que envelhecem e voltam a se vestir como homens. Passam por uma espécie de “*des-transformação*”. Para sobreviver nessa fase da vida, outras acabam assumindo ocupações de artistas, costureiras, maquiadoras, *bombadeiras*, cozinheiras, cabeleireiras, manicures, domésticas, cafetinas, locatárias, agenciadoras, etc. (Benedetti, 2005).

Várias razões podem levar uma pessoa a se transformar naquilo que chamamos de travesti. Segundo Kulick (2008) a vida da travesti está ancorada no desejo. Seus

corpos são fabricados em função desse desejo. O desejo não é sempre sexual. Graças à transformação de seus corpos, muitas conseguem meios de sobrevivência, reconhecimento, afeto, carinho, dinheiro, valorização, bens materiais, ascensão social, resgate dos laços afetivos com a família, amizades, prestígio, *status*, etc. (Kulick, 2008; Pelúcio, 2009).

Para a investigação proposta, a opção metodológica recaiu sobre a abordagem de caráter qualitativo. Esta opção guarda estreita relação, pelo que entendemos, com os objetivos de identificar as representações de envelhecimento e de velhice dos sujeitos da investigação. Levantar a percepção a respeito do processo de envelhecimento das próprias entrevistadas.

A primeira entrevistada destaca que, com a chegada da velhice, os atributos físicos não são mais considerados belos. Esse é o grande impacto que acomete a vida das travestis que envelhecem que muitas acabam se sustentando da prostituição.

Coloca que as travestis mais velhas devem servir de espelhos e modelos para as mais novas. É importante que as últimas conheçam a trajetória das mais velhas. Dessa forma, elas perceberão que, se gozam de alguma liberdade e certo espaço na atualidade, isto se dá graças às mais velhas que “abriram” o caminho por meio de muitas lutas. Conta que as travestis mais velhas tendem a se ocultar. A velhice não é valorizada, inclusive entre as travestis. É como se a travesti perdesse a função ao envelhecer. Então, acabam desaparecendo. Há relatos de algumas que envelhecem e voltam a se vestir como homens. Passam por uma espécie de “*des-transformação*”. Outras acabam assumindo outros trabalhos já mencionados acima.

Fala que é importante que as travestis se reúnam em ONGs para se fortalecerem. Acredita que seja fundamental que as travestis mais novas contribuam com a previdência social para que possam ter uma renda na velhice. Acha que elas também precisam voltar a estudar, pois dessa forma aumentarão suas chances de conseguir outros trabalhos que as amparem na velhice. Diz que se houvessem políticas públicas que reconhecessem as travestis desde a mais tenra idade até a velhice, algumas não precisariam se ocultar quando envelhecessem. Como militante política, lembra que ainda há muito a ser feito.

A partir da segunda metade do século XIX na sociedade ocidental, a velhice é associada à decadência física e à ausência de papéis sociais (Debert *apud* Siqueira, 2004). Portanto, a travesti que se prostitui é considerada idosa quando seu corpo não é

considerado mais atraente. Conforme a primeira entrevistada, isso já acontece por volta dos quarenta e poucos anos de idade.

A segunda entrevistada destaca que, atualmente, as oportunidades (cursos profissionalizantes) que se configuram nos grandes centros urbanos são frágeis para as gerações atuais de travestis. Justifica dizendo que o dinheiro que elas ganham com a prostituição é consideravelmente maior do que com outras profissões que possam desenvolver.

Acredita que a vida não passou inutilmente por ela. Diz que foi criadora de conceitos que nunca envelhecem e que expressam seu estilo de vida. Conta que as travestis mais novas se deparam com ela e percebem que não é nenhum terror envelhecer como travesti, se souberem como.

Considera que é importante ter tido uma boa educação familiar, berço e contato com pessoas eruditas. A partir daí pôde construir sua vida criando um estilo próprio e exemplar para as gerações mais jovens. Declara que é preferível ser considerada elegante em suas atitudes do que elegante apenas por sua beleza física. Diz que não adianta ser linda aos vinte anos de idade se não há nada de construtivo a dizer.

Não se considera uma sexagenária. Fala que temos a tendência de ver a velhice nos outros. São os outros que envelhecem, pois afinal, ela relata que executa atividades que pessoas de sua idade não executam. Diz que, é procurada sexualmente até hoje. Sugere que pessoas da sua idade não são procuradas sexualmente da mesma forma que ela é. Percebe-se como alguém que desperta interesse, pois as pessoas gostam de conversar com ela e estar ao seu lado. Diz que com a idade, passou a se conhecer melhor, principalmente em relação a seu corpo. Sabe escolher melhor quando está em uma relação sexual, por exemplo. Com o passar do tempo foi adquirindo maior qualidade na vida sexual, bem como em outros aspectos da vida.

Considera que a velhice é caracterizada pelo encontro com os seus “apanhados” ao longo da vida. A meta é reunir todos esses “apanhados” e fazer um buquê de flores gloriosas. Para isso, é preciso ter sensibilidade para perceber as flores que são colhidas durante o percurso. Para ela, continuar aprendendo evita que envelheçamos. O aprendizado é um antídoto contra o envelhecimento. Declara que quando aprendemos não envelhecemos.

Reforça que o conceito de envelhecimento fica muito restrito na aparência física das pessoas. Afirma que ser interessante não permite que as pessoas vejam as rugas que aparecem no rosto. Logo, as pessoas não querem que o envelhecimento apareça naquele

que é considerado interessante. Dessa forma, ela descreve que a pessoa será como uma árvore com seiva brilhante, folhas, flores, frutos e sombra onde todos irão querer estar ao redor. Para ela a pessoa velha é como uma árvore velha: seca, sem folhas, estéril, sem flores, frutos, seiva e brilho. É, portanto, vazia e solitária.

Já a terceira entrevistada fala de sua experiência de artista. Conta sua trajetória desde Cuba, onde nasceu em 1938 até chegar ao Brasil em 1958. Sofria homofobia na família, principalmente por sua mãe. Fala de sua transformação, carreira artística como transexual e envolvimento com pessoas influentes que puderam defendê-la. Relata que nunca quis ser um ícone ou modelo para ninguém. Disse que acabou defendendo a si mesma e conseqüentemente acabou abrindo caminho para as gerações mais novas. Reconhece que acabou servindo de modelo, embora não desejasse. Associa velhice com morte. Diz que não quer sofrer para partir, porém considera-se tranqüila em relação a sua morte, pois recebe amparo da religião que acredita: o candomblé. Assim como a terceira entrevistada, muitas travestis que viveram no mundo artístico acabam envelhecendo como artistas. Não se reconhecessem na categoria de travestis nem de prostitutas.

Aquelas que não pudessem mais viver do corpo, já seriam consideradas velhas. Para essas travestis o conceito de velhice está vinculado ao trabalho que desempenham como prostitutas. Enquanto trabalham são úteis, produtivas e, portanto jovens.

Siqueira (2004), em sua dissertação sobre envelhecimento de travestis, levantou dentre suas entrevistadas que apesar de estarem vivendo uma fase mais tranqüila e com melhor qualidade de vida na velhice, salientam que não foi fácil chegar à idade que chegaram. A autora entrevistou cinco travestis entre 59 e 79 anos de idade e que são moradoras da cidade do Rio de Janeiro. Elas relatam que envelhecer com dignidade como travesti não é para qualquer uma. Chegar à velhice como travesti, ainda representa uma posição de *status* perante o seu grupo.

O estudo também ressalta que elas se sentem satisfeitas por serem confundidas com senhoras. Talvez isso ocorra, pois não são vistas mais como pessoas ambíguas. Porém, não basta serem confundidas como senhoras. O importante para essas entrevistadas é constatar que por terem vivido da prostituição, atualmente são senhoras bem sucedidas que escaparam da contaminação do HIV, compulsão pelo uso e abuso de drogas, violência e preconceito. Dizem que transitam por todos os meios sociais, são respeitadas no local onde moram. Ressaltam que cada um envelhece de uma forma e que é difícil generalizar o envelhecimento mesmo entre elas. Costumam se engajar em

militância política e auxílio em relação aos problemas do grupo pelo fato de se considerarem pioneiras e experientes.

Reforçam que traçaram seus caminhos de forma original no sentido de conquistar algum espaço, à custa de muita luta. Ainda contam que servem de espelho e exemplo para as mais novas. Estimulam que essas últimas se engajem na militância, desenvolvam senso de cidadania e auto cuidado. Por outro lado acabam reduzindo seu círculo de amizades e selecionam melhor os contatos estabelecidos. Ainda frisam que apesar da idade, ainda são procuradas sexualmente e desejadas. Finalizam aconselhando que é importante que as mais novas se preparem para a velhice, pois esse período é muito difícil no Brasil, especialmente para aqueles de baixa renda.

Conhecer suas trajetórias de vida possibilita identificar quais são os pontos mais críticos onde não há qualquer amparo existencial. Elas são grandes improvisadoras, visto que não são reconhecidas como pessoas humanas. Precisam inventar suas vidas de forma original. Como não “existem” perante a lei, estão sujeitas a todo tipo de violência e aniquilamento. Quem as defenderá?

Essa pesquisa detectou que é preciso haver políticas públicas que as amparem, começando pela família e escola. Depois necessitarão de políticas de saúde que as auxiliem em seus processos de transformação corporal para que não tenham que se arriscar clandestinamente com silicone industrial e ingestão hormonal desregrada. Em seguida está outro grande desafio: sua profissão e meio de sobrevivência. Ocupações onde não precisem se arriscar a doenças e violências. E que se assim for, que seja por escolha e não por ser a única forma de sobreviver.

Por fim, as políticas públicas continuarão amparando suas velhices, pois se adequarão às necessidades específicas de cada travesti que envelhece. Embora sujeitas aos mecanismos de controle, as políticas públicas dão reconhecimento e condição de existência para as travestis.

Existir por meio de políticas públicas, as retira da situação de marginalidade e violência. Alegam que muitas vezes são violentas, para se defender da violência que sofrem por serem invisíveis.

Vemos que o assunto é muito complexo e que há muito ainda o que ser feito. Estou satisfeito com os resultados desse estudo, pois o primeiro passo já foi dado: começar a conhecer quem elas são. Trazendo-as a visibilidade, teremos melhores condições de traçar políticas específicas que as amparem desde tenra idade.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco *Travestis envelhecem?* São Paulo: Dissertação de mestrado em Gerontologia. PUC - SP, 2010. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11719
Acessado dia 08/06/2012.
- BENEDETTI, Marcos *Toda feita – O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005
- BENTO, Berenice *A reinvenção do corpo. Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006
- BENTO, Berenice *O que é transexualidade?* São Paulo: Editora Brasiliense, 2008
- BERGER, Thomas e LUCKMANN, Peter *Construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2006
- CHAUÍ, Marilena *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2003
- DEBERT, Guita Grin *A reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP, 2004
- FOUCAULT, Michel *História da sexualidade I – a vontade de saber*. São Paulo: Graal Editora, 1993
- FOUCAULT, Michel *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2007
- FOUCAULT, Michel *Arqueologia do saber*. São Paulo: Forense Universitária, 2008
- KULICK, Don *Travesti. Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008
- LEITE JUNIOR, Jorge *Nossos corpos também mudam. Sexo, gênero, e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. São Paulo: Tese de doutorado em Ciências Sociais. PUC - SP, 2008
- MERCADANTE, Elisabeth Frohlich *A construção da identidade e da subjetividade do idoso*. São Paulo: Tese de doutorado em Ciências Sociais. PUC - SP, 1997
- MISKOLCI, Richard “Vivemos uma crise das identidades de gênero?”. In: Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú-MG. CD Encontro Anual da ANPOCS, 2005. v. 1.
- MISKOLCI, Richard “A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização”. In: Sociologias. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, 2009. n. 21 p.150-182. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf> Acessado dia 08/06/2012
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10*. 10ª edição. Porto Alegre: ARTMED, 1993.

- PELÚCIO, Larissa *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2009
- ROSO *et al.*, “Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais e de gênero”. In: *Psicologia & Sociedade*, vol. 14, n. 2 Porto Alegre, julho/dezembro de 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n2/v14n2a05.pdf> Acessado dia 08/06/2012
- SCOTT, Joan “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16 (2), jul 1990, p. 5-20
- SIQUEIRA, Mônica Soares. *Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice*. Florianópolis: Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- TÓTORA, Silvana “Ética da vida e o envelhecimento” In: CÔRTE, Beltrina *et al.*, *Envelhecimento e velhice: um guia para a vida*. São Paulo, Vetor, 2006